

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PEDAGOGIA

ESTER JULICE SANTOS BASTOS

**FÁBULAS COM SENTIDO: INTERVENÇÕES E AUTORIAS**

PORTO ALEGRE

2018

ESTER JULICE SANTOS BASTOS

**FÁBULAS COM SENTIDO: INTERVENÇÕES E AUTORIAS**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia pela Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul

Orientador: Marcelo Magalhães Foohs

PORTO ALEGRE

2018

Ester Julice Santos Bastos

FÁBULAS COM SENTIDO: INTERVENÇÕES E AUTORIAS

Monografia apresentada para Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcelo Magalhaes Foohs- UFRGS  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lucia Bezerra Machado  
(Membra)

---

Prof. Dr. Paulo Albuquerque  
(Membro)

*À minha Mãe, Nelci Santos Bastos (in memoriam) pelas histórias e por implantar em mim o desejo de ser professora.*

*Ao meu pai, José Airton Bastos pelos significados de vida compartilhados.*

*Aos meus irmãos, Sara e Esdras, incentivadores e ouvintes incansáveis dos projetos*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me guiar durante todos estes anos e proporcionar-me a dádiva da vida. À minha Família: meu pai, companheiro e amigo, à minha mãe (in memoriam), à minha irmã, incentivadora e inspiração para mim; ao meu irmão e minha cunhada, Esdras e Roselaine e à pequena Cecília.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcelo Magalhães Foohs. Professor, você é tudo de bom! Criativo, organizado, construtor e incentivador de novas ideias. Marcelo, você foi o caminho de muitas realizações: o Costurinhas, as Fábulas, as apresentações que vieram com os projetos, e além de tudo isso, a Logoterapia, que me transformou e me deu condições de transformar outros.

Às crianças do projeto Costurinhas: I e II, pelo trabalho desenvolvido e pelo imenso carinho.

À minha escola, pela abertura para a realização da pesquisa.

Aos meus alunos, as crianças mais inteligentes e sábias que poderiam cair na mesma turma e, também, aos pais que incentivaram e permitiram a pesquisa. Aos meus amigos e colegas que contribuíram, em especial, à Luana e ao Francisco (Chico), que corrigiu a monografia.

À banca, constituída pelos professores Dr. Paulo Albuquerque e Dr<sup>a</sup>. Carmen Lucia Bezerra Machado, que aceitou avaliar o meu trabalho. Aos professores e funcionários desta Universidade e à Pró-Reitoria de Extensão, pela oportunidade de desenvolver os projetos.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ser um espaço de produção contínua de saberes e proporcionar vivências inesquecíveis.

Muito obrigada!

*Histórias não garantem a felicidade, nem o sucesso na vida,  
mas ajudam. (CORSOS, 2002)*

## QUADRO DE FIGURAS

<b>Figuras: (1 e 2) dos Desenhos produzidos pelas crianças depois da mediação de leitura.....</b>	<b>26</b>
---	-----------

## RESUMO

A pesquisa aqui apresentada visa contribuir para a formação de mediadores de leitura. Partindo deste princípio, a pesquisa foi construída sobre a lógica da logoterapia com o uso de fábulas. Respeitando o tripé da Educação: Ensino, Extensão e Pesquisa, este trabalho foi realizado dentro de um projeto de Extensão: Fábulas da Fazenda do Mário. Nosso objetivo era responder à seguinte questão: como as crianças reconstróem as Fábulas incompletas da Fazenda do Mário? Como referencial teórico utilizamos pensadores que abordam o conceito de logoterapia, fábula e narrativas psicológicas. Foi realizada, desta forma, uma pesquisa-ação, em que contamos oito histórias de nossa autoria para vinte crianças de uma escola pública, na cidade de Viamão\RS. Estas histórias abordavam os seguintes conceitos: resiliência, autoconfiança, resolução de problemas e coletividade. As crianças participantes das pesquisas contribuíram com suas intervenções nas fábulas, resignificando as histórias, construindo hipóteses sobre os personagens e questionando os papéis e valores dos mesmos. Dividimos as contribuições das crianças em três categorias de análise: “A fuga”, em que as crianças falam sobre as fugas que os personagens realizaram; “A moral”, que se refere às conversas e ações/reflexões com as crianças após os momentos da contação das histórias; e “Para Além da Fazenda”, diálogos que as crianças realizaram com outras narrativas. Conclui-se que as fábulas adquirem o olhar/sentido daqueles que as ouvem, a partir de experiências e associações. As intervenções do contador e dos parceiros de escuta influenciam no julgamento e moralização das narrativas, construindo, em cada um deles, uma história própria e coletiva ao mesmo tempo, com características de autoria.

**Palavra-chave:** Fábulas. Logoterapia. Mediação de leitura.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	Organização do Trabalho.....	12
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
2.1	Afinal, o que é fábula?.....	14
2.2	Literatura e Psicanálise.....	16
2.3	Narrativas Psicoterápica e Conhecimento segundo Piaget.....	17
2.4	Um olhar sobre o sentido.....	18
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	21
3.1	O que entendemos por metodologia.....	21
3.2	Com quem realizamos o projeto?.....	22
3.3	Contações Piloto.....	23
3.4	Os registros.....	24
<b>4</b>	<b>A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS</b> .....	25
4.1	O Amanhecer na Fazenda do Mário.....	25
4.2	As aventuras de Floquinho.....	26
4.3	Tiziu e a Rainha Verde.....	30
4.4	A Abelha Zangada: Os outros e eu.....	33
4.5	Burrinho sem cor.....	35
4.6	O Segredo da Galinha Ruiva.....	38
4.7	Porco Laminha.....	40
4.8	Condomínio Árvore Grande.....	43
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	46
5.1	A Fuga.....	46
5.2	A moral da história.....	48
5.3	Para além da Fazenda.....	48
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
	<b>OBRAS CONSULTADAS</b> .....	53
	<b>ANEXOS</b> .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura como forma de significação e ressignificação da realidade social é uma das bases da Pedagogia (Pinheiro, 2004). Bettelheim (2002) afirma que a literatura infantil é fundamental para a formação psicossocial da criança, principalmente a dos anos escolares iniciais. Feitosa (2012) afirma que a literatura infantil contribui para o desenvolvimento de valores e princípios morais e a formação de resiliências. Também Follador (2011), coloca que a contação de história contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Pensando na criança como um indivíduo integral conforme BCCN/2018, idealizamos esse projeto na intenção de promover o fortalecimento da resiliência e a capacidade de resolver problemas. Para isso, utilizamos a literatura: as Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário, nas quais o enfrentamento de problemas anda junto com a ludicidade.

A proposta desse trabalho é, utilizando as Fábulas produzidas a partir de uma ótica de logoterapia, compreender como as crianças intervêm e recontam as mesmas. As Fábulas têm como eixos norteadores os conceitos de resiliência e resolução de problemas.

Propomo-nos nessa pesquisa trabalhar com a literatura, mais especificamente com a mediação de história, com crianças de quatro a cinco anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Viamão/RS. Este trabalho está vinculado ao Projeto de Extensão Universitária *Fábulas da Fazenda do Mário*<sup>1</sup>. O projeto *Fábulas*, centrado na contação de histórias, teve como objetivo observar como as crianças (re) contam as narrativas às quais foram expostas. Para tanto, foram utilizadas as histórias construídas no decorrer do Projeto de Extensão *Costurinhas*.

O Costurinhas nasceu como site educacional de apoio à confecção de artefatos em tecido desenvolvido na disciplina EDU03051- Mídias, Tecnologias Digitais e Educação, seguindo as recomendações de Tarouco et alii (2014). O site, disponível em <https://costurinhas.weebly.com/>, utiliza moldes fáceis da artesã Érica Catarina, que disponibiliza, gratuitamente, suas apostilas na internet. Os materiais das confecções são de baixo custo, mas seu visual é atrativo e apelativo para a criatividade. Durante as aulas da disciplina começamos a pensar a transformação do site em oficina física para podermos observar presencialmente o processo de aprendizagem envolvendo a autoria de artefatos de feltro para o desenvolvimento de habilidades para o trabalho, autoestima e senso de cidadania.

---

<sup>1</sup> Projeto de Extensão nº 36203.

O projeto de Extensão *Costurinhas* ganhou duas versões: *Costurinhas: A Fazenda do Mário (2016/02)* e *Costurinhas: Toquinho e Vinícius (2017)*. Após a confecção dos personagens, em sua maioria animais, as crianças do projeto produziram a primeira fábula: O Amanhecer na Fazenda do Mário, que deu origem à coleção de histórias que compõem as Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário. É importante salientar que as Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário são dirigidas para mediadores de leitura. Nelas, encontram-se marcadores de intervenção e também palavras em caixa alta, que auxiliam o mediador na entonação de voz. (<https://fazendadomario.weebly.com/>)

Desde que me formei no magistério sempre estive bem próxima da Educação Infantil, ora como professora titular, ora como voluntária, e, em outros momentos, como auxiliar. A Educação Infantil é uma etapa de grandes aprendizagens para as crianças. Foi nela que escolhemos realizar a nossa pesquisa-ação, o Projeto de Extensão Universitário: Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário.

Essa pesquisa teve como fio condutor a seguinte pergunta: Como as crianças (re) constroem as nossas narrativas incompletas da Fazenda do Mário? Incompletas porque devido às intervenções dos mediadores e dos ouvintes, as fábulas são ressignificadas, tornando todos os participantes autores das mesmas.

O trabalho desenvolvido foi produzido segundo o método de pesquisa-ação com uma turma de vinte crianças. Foram contadas oito fábulas, pertencentes ao Projeto. A análise de dados se deu através da observação das reflexões das crianças após os momentos de contação de histórias. Os dados, então, foram tensionados com a literatura trabalhada no referencial teórico.

## **1.1 Organização do Trabalho**

Além dessa introdução, esse trabalho contém mais três capítulos e as considerações finais. No segundo capítulo, apresenta-se o referencial teórico, em que tratamos do conceito do gênero fábulas, do conceito de narrativas psicoterapêuticas e dos fundamentos da logoterapia.

No terceiro capítulo apresentamos a metodologia utilizada. Além disso, descrevemos as mediações piloto realizadas antes das Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário.

No quarto capítulo são descritas as mediações de leitura, detalhando como as oito fábulas foram desenvolvidas.

No quinto capítulo, apresentamos a análise dos dados. A análise foi organizada em três categorias: a fuga, a moral da história e para além da Fazenda do Mário.

Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando decidimos construir fábulas para contar às crianças, não imaginávamos quanto grande efeito esse tipo de literatura produziria na vida dos pequenos, tampouco, como seria prazeroso esse momento de contar as nossas fábulas para elas para que fossem reconstruídas a partir de seus “olhares”. Foi através do uso dos “olhares” desses autores que pudemos entender com clareza como as fábulas promovem não apenas prazer, mas conhecimento.

### 2.1 Afinal, o que é fábula?

Vamos entender o termo e um pouco da história sobre este gênero literário. Para nos ajudar, trazemos o escritor e linguista Marcos Bagno. Quando o autor escreveu para educadores em *Salto para o Futuro* (2006), apresenta este gênero literário muito antigo e amplamente utilizado por diversas culturas, como fundamental para a aprendizagem das crianças, principalmente no início da escolarização. Explica que “*De fato, a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral*” (pg. 51). Essa moral que encontramos nas fábulas, e que as tornam tão famosas, modificam até mesmo a forma em que nós relatamos um evento.

Até hoje, quando terminamos de contar um caso ou algum acontecimento interessante ou curioso, é comum anunciarmos o final de nossa narrativa dizendo: “moral da história”. Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas, algum ensinamento útil, alguma lição prática. (BAGNO, 2006, pg.51)

Além disso, as fábulas costumam trazer à tona os traços positivos e negativos do caráter humano, utilizando personagens que são inanimados ou animais, para explicar decisões ou posicionamentos dos seres humanos. Bagno (2006) também coloca que a moral das fábulas são incorporadas nos provérbios populares, às vezes ficando estes últimos mais famosos que as próprias histórias.

Para dar um olhar mais profundo, Bagno (2006) explica a origem do termo *Fabulare*, que provém dos verbos falar e narrar. Para o autor, a maioria das fábulas, antes de escritas, já se faziam presentes nas praças e casas, através das narrações, como é caso de Esopo.

Na Grécia antiga, o mais famoso deles foi Esopo, que viveu entre os séculos VII e VI antes de Cristo. Diz a tradição que Esopo era um grande contador de histórias, mas que não deixou nenhuma fábula escrita. Seus apólogos foram registrados de forma literária mais tarde, por outros autores. O mais importante deles foi o romano Fedro (15 a.C. – 50 d.C.), que se declarava admirador e imitador de Esopo [...] No século XVII, na França, viveu o mais importante fabulista da era moderna, Jean de La Fontaine (1621-1695). Esse autor, além de compor suas próprias fábulas, também reescreveu em versos franceses muitas das fábulas antigas de Esopo e de Fedro. É dele a fábula mais conhecida de todo o Ocidente, “A cigarra e a formiga. (BAGNO, 2006., pg. 51)

Bagno (2006) fala também sobre Monteiro Lobato, escritor brasileiro e patrono do livro infantil. Lobato, preocupado em difundir o gênero fábula para as crianças brasileiras, produziu o livro *Fábulas*, onde apresenta as obras de Esopo, Fedro e La Fontaine, integrando as fábulas antigas desses autores com a sua própria produção: o Sítio do Pica Pau Amarelo. Com uma linguagem cativante, conquistou o gosto literário dos pequenos durante gerações. Nessa obra, Lobato traz para perto das fábulas o pensamento infantil, os questionamentos e o espírito crítico e curioso na voz dos seus personagens: Narizinho, Pedrinho e Emília. Entretanto, surge também a voz das personagens, Tia Nastácia e Dona Benta, como contadoras\mediadoras, interpelando e explicando os sentidos das fábulas. Bagno ressalta que essa obra literária “*é sem dúvida um dos melhores livros que existem no Brasil para abordagem da fábula*” (BAGNO, 2006, pg. 51).

Outra autora que contribuiu para pensarmos as nossas *Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário*, foi Loide Nascimento de Souza (2010) em sua tese sobre “A Fábula e o Efeito-Fábula na obra infantil de Monteiro Lobato”. Ela, além de apresentar contribuições sobre as fábulas, recontadas por Lobato, também apresenta para nós outras informações sobre Esopo e suas obras. Ela explica que:

[...] na Grécia, Esopo é, sem dúvida, o grande responsável por promover a divulgação do gênero fábula. Sua importância é de tal monta, que ultrapassa as fronteiras do país e seu nome passa a designar um estilo de fábula, a fábula esópica, uma expressão que passou a ser sinônimo de fábula grega (SOUZA, 2010, pg. 24).

A autora esclarece que a região onde nasceu Esopo não foi identificada, podendo ser na Trácia, Lídia ou Frígia, o que se sabe é que somente depois de adulto este veio habitar a Grécia. Ela também acrescenta que foi provavelmente na Ásia Menor que o contador de fábulas as tenha aprendido, já que o gênero literário pode ser encontrado em diversas regiões, como na Suméria e na Mesopotâmia.

[...]. É possível supor que as fábulas contadas por Esopo tenham sido produzidas ou recolhidas no Oriente e, portanto, fora da Grécia. Diante disso, poderíamos imaginar a seguinte hipótese sobre Esopo e suas fontes: se a fábula tem uma origem sumeriana e se Esopo vem de uma região que geograficamente possui alguma proximidade com os territórios mesopotâmicos (SOUZA, 2010, pg.25)

Souza (2010) também apresenta algumas características das obras de La Fontaine (1621-1695) que além de introduzir ritmo às fábulas, atribui detalhes a elas com uma estética própria, utilizando-se do seu talento de poeta. A autora salienta que La Fontaine também apresenta a sua visão teórica sobre as fábulas. La Fontaine divide a fábula em dois: Alma e Corpo. Alma se refere aos valores morais que a fábula apresenta e corpo, a narrativa em si.

Após discorrer sobre este e outros autores como, por exemplo, Aristóteles e Platão, Souza (2010) passa a falar sobre Monteiro Lobato que, através de dois livros, apresenta para as crianças brasileiras esse universo tão maravilhoso do animismo<sup>2</sup>: **Fábulas de Narizinho (1921)** com 28 fábulas e **Fábulas (1922)** com 77 fábulas. Neste último livro, o escritor de literatura infantil apresenta também a sua visão sobre as fábulas, comparando-as com o leite para as crianças pequenas, ou com o açúcar para se ingerir um medicamento amargo. Nas fábulas, a moralidade é apresentada como lições de vida.

## 2.2 Literatura e Psicanálise

O psicanalista Bruno Bettelheim, na introdução do seu livro *Psicanálise dos Contos de Fada*, revela que a iniciativa de escrever a dita obra parte da necessidade de falar aos pais e educadores sobre a importância das contribuições culturais das histórias para o crescimento sadio das crianças. No início do texto revela que “se esperamos viver não só cada momento, mas ter uma verdadeira consciência de nossa existência, nossa maior necessidade e mais difícil realização será encontrar um significado em nossas vidas” (Bettelheim, 2002. pg.06).

O autor alerta que “é bem sabido que muitos perderam o desejo de viver, e pararam de tentá-lo, porque tal significado lhes escapou”. Compreendendo que o significado de vida não está restrito apenas a uma faixa etária, mas sim ligado à maturidade psicológica. Ele também ressalta que a busca por nos desenvolvermos, psicologicamente, deve estar presente durante toda a nossa vida.

---

<sup>2</sup> Animismo é a segundo Piaget, quando a criança atribui alma os objetos e seres, pensamento próprio do estágio pré-operatório. Também é amplamente usado nos comerciais de televisão, nos desenhos animados, na literatura fabulista, onde os objetos ganham consciência.

Continuando a falar de Psicologia e narrativas, *A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significado*, de Carla Fontes (2006) pode nos fornecer um olhar diferente. Neste artigo, a autora explica a narrativa como aspecto essencial na construção de significado. A linguagem e as experiências são elementos construtores desses significados de vida. Para ela:

A narrativa desempenha um papel fundamental na construção de significados dos seres humanos. Emerge como processo mediador entre os significados e a experiência humana. No entanto como consideram diversos autores, as narrativas não recriam literalmente a experiência. As histórias que contamos são construídas para dar significados à nossa experiência. Por Isso, não é qualquer história que "serve"; como tal, as histórias que contamos acerca das nossas vidas podem ser radicalmente transformadas. (FONTES, 2006 pg.128.)

Desta forma, é através da junção entre a linguagem e a experiência que construímos os signos. Fontes (2006) também enfatiza que “a realidade é encarada como algo que só fará sentido depois de ser construída pelo próprio sujeito” (pg.124), pensando assim, uma mesma realidade pode ser entendida de múltiplas formas, por sujeitos diferentes. O autor admite no mesmo texto que “as narrativas construídas para dar sentido à vida podem ser continuamente reconstruídas, de acordo com as experiências que passamos” (pg.129). Essa afirmação está de acordo com as nossas *Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário*, nas quais o significado (sentido) é modificado pelos contadores\ouvintes\leitores.

### **2.3 Narrativa Psicoterápica e Conhecimento segundo Piaget**

Para compreendermos melhor a formação do conhecimento a partir de fábulas e narrativas psicológicas, utilizaremos os estudos de Piaget (1975).. Simone Hallaburra Follador (2011) explica que Piaget define quatro fatores para a aquisição do conhecimento, são eles; a Maturação, a Experiência, a Transmissão social ou meio e a Equilibração (Follador. 2011). Para a autora, o terceiro desses fatores, a Transmissão social, refere-se à tarefa de contar história. Ela explica que, na Transmissão social se transmite\comunica valores sociais para outros. O mesmo ocorre na contação de histórias, em que valores e sentidos são comunicados, no nosso caso, para crianças.

Essa autora também fala que Piaget dá condições para pensarmos que o brincar também se refere a brincar com as histórias, e que esse brincar também é um o momento de jogo simbólico.

Ao brincar com histórias, ou seja, ao ser capaz de transportar simbolicamente para o mundo imaginário a que essas brincadeiras nos levam, onde tudo é possível, a criança joga interagindo com a sua imaginação inventando soluções elaborando conflitos e vivenciando papéis. (FOLLADOR, 2011 pg.49)

Para Simone Follador (2011), “o pensamento individual dispõe de uma mobilidade bastante restrita, então é através do convívio social, ou seja, do intercâmbio de pensamentos” (pg. 51), nas relações com outros, que ampliamos o nosso conhecimento. A autora explica que este fenômeno é chamado por Piaget de cooperação. Para Fontes (2006) o “conhecimento emerge da interação entre os sujeitos e seu contexto, sendo esta interação continuamente auto referenciada e interpretada a partir dos quadros de referência do sujeito” (pg.124). Ela ainda explica que Piaget “defendeu a inseparabilidade da relação sujeito-objeto, afirmando que o conhecimento surge como um produto da interação entre os dois para que o sujeito conheça o objeto, deve operar sobre ele num processo que envolve a transmissão mútua” (pg. 127), novamente, onde o sujeito opera no objeto, coopera com o objeto para dar significado para ele. Na narrativa ocorre a mesma coisa, o sujeito coopera com o seu pensamento e significado para produzir no texto um sentido. Esta autora termina dizendo que “o indivíduo é um ser que produz significações diversas orientadas da sua ação” (pg.127).

## 2.4 Um olhar sobre o sentido

O dicionário online Michaelis<sup>3</sup> apresenta uma série de significados para o termo ‘sentido’. Fisiologicamente, refere-se às sensações que o corpo humano percebe como: *visão, audição, tato, paladar e olfato*. Sentido também é apresentado pelo dicionário como a *capacidade de sentir, de compreender, de usar o senso, a capacidade de julgamento; bom senso, entendimento, juízo*. No dicionário ainda é apresentado como *alvo* de quem quer chegar a algum *objetivo, propósito*. É entendido ainda como *rumo, orientação, ponto de vista, maneira de enxergar, direção, lado*. Também, *cabimento, lógica, a própria razão, consciência de realidade, concentração, pensamento*. Já na filosofia, segundo este dicionário,

<sup>3</sup> <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sentido/>

sentido é conceituado como “faculdade de estabelecer um contato imediato e intuitivo com a realidade através da captação de uma classe de sensações, estabelecendo assim os princípios empíricos do processo cognitivo”.

Longe de nós querermos cansar o leitor com tantos significados para este termo, mas é interessante colocá-lo desse modo, não apenas para ilustrar a palavra, mas também dar **sentido** (orientar o olhar) para esse conceito.

Para o neurologista e psiquiatra Viktor Emil Frankl (2015), o sentido que damos às nossas ações é parte essencial do sistema teórico criado pelo autor, denominado de Logoterapia. Frankl era judeu e nasceu em Viena, na Áustria. Durante a segunda guerra mundial foi prisioneiro do governo nazista em campos de concentração, onde viu morrer toda a sua família. Antes mesmo de ser prisioneiro já pensava sobre o sentido da vida, mas após ter passado pela experiência de prisão, o autor formulou a sua teoria.

Segundo Frankl (2015), a busca do sentido é a motivação primária na vida e esse sentido é exclusivo e específico de cada pessoa, porém é na interação com outros indivíduos que a vida adquire o seu propósito. Para ele, a busca pelos sentidos e os valores “não são apenas mecanismos de defesa, mas são a razão da existência” (pg.32). Explica que o sentido é a “essência propriamente dita da existência humana” (pg. 54).

Durante uma palestra que ocorreu na Universidade de Heidelberg, República Federal da Alemanha em junho de 1973, Frankl apresenta o conceito de Otimismo trágico. Para ele, a pessoa deve ser otimista apesar das três coisas trágicas que ocorrerá com ela; *A dor*; *A culpa*; *A morte*. Ele aponta que para essas situações trágicas as pessoas devem buscar “Transformar o sofrimento numa conquista; extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis” (Frankl. 2015, pg. 161).

Para Frankl, o ser humano não é uma pessoa em busca de uma felicidade, de uma auto-realização, mas sim uma pessoa em busca de uma razão. Para o autor, mesmo estando em meio a situações que não poderiam ser consideradas alegres e oportunas as pessoas deveriam buscar transformar e ver sentido em todo o sofrimento ou angústia. Enfim, ele apresenta os **três caminhos principais da Logoterapia**. O primeiro consiste em criar um trabalho ou fazer uma **ação**. O segundo está em **experimentar** algo ou encontrar alguém, em outras palavras o sentido pode ser encontrado não só no trabalho, mas também nas interações

sociais. E o terceiro caminho para o sentido da vida: “mesmo uma pessoa vítima desamparada numa situação sem esperança enfrentando um destino que não consegue mudar pode **erguer-se acima de si mesma**, crescer para além de si mesma e assim mudar a si mesma” (pg. 168).

Outra autora que contribui para pensarmos a Logoterapia é Inácia Hosana Feitosa. Ela escreveu sobre os contos de fadas numa ótica da logoterapia. A autora aponta que, responder à vida é fazer uso de possibilidade para soluções ainda não vislumbradas (p.26). Ela também explica que os contos de fadas com as suas histórias fabulosas contribuem para apresentar para as crianças o “reino dos valores - seja por meio da vivência, da criatividade ou atitude - está cheio delas, resta à pessoa, fazendo uso da liberdade, definir e escolher entre inúmeras possibilidades aquela que "produz", naquele momento da sua existência, o sentido da sua vida” (p.26).

### 3 METODOLOGIA

Acreditando no tripé da Educação Superior: Ensino, Pesquisa e Extensão, construímos uma pesquisa conjugando os saberes acadêmicos aprendidos durante o curso de Pedagogia. Transformamos a nossa pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC) numa atividade de Extensão Universitária: *As Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário*, que além da contação de histórias na escola, dispõe de um site para que outros contadores de histórias possam utilizar. (<https://fazendadomario.weebly.com/>)

#### 3.1 O que entendemos por metodologia

Durante uma aula de reflexão sobre a prática docente, a professora Dra. Jane Felipe<sup>4</sup>, responsável pela disciplina de “ Reflexão sobre a Prática Docente ” (0-7 anos), referiu-se à metodologia como a cozinha dos projetos de pesquisa. Ela explicou que nesta etapa, relatamos os instrumentos, os ingredientes, o tempo e como iremos processar, cozinhar o projeto.

Entendendo desta forma, para construir a nossa pesquisa procuramos o método mais adequado para o trabalho com fábulas *para\com* crianças pequenas, que abarcasse as especificidades da nossa produção. Então, após algumas leituras encontramos em Minayo (1994), Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo (2007), a “receita” para a nossa metodologia.

Como a nossa pesquisa tratou de observar a reação das crianças com as fábulas e essas criadas com intuito de auxiliar as crianças a entender o mundo através das relações entre si numa ótica da **Logoterapia**, de acordo Viktor Frankl, utilizamos a pesquisa qualitativa, que segundo Minayo:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, pg.21-22)

---

<sup>4</sup> Prof<sup>a</sup>. Dra. Jane Felipe, é professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esta autora também acrescenta que a abordagem qualitativa proporciona “aprofundar o nosso olhar no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo 1994 pg.24), instrumentos de medida utilizados na pesquisa quantitativa.

Dentro da pesquisa qualitativa, utilizamos a abordagem Pesquisa-Ação (Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo), porque propomos ações para as crianças com o intuito de promover o hábito da reflexão sobre sentimentos, relação com próximo, vizinhança, regras de convivência, solidariedade, relação interpessoal e capacidade de superar problemas.

### **3.2 Com quem realizamos o projeto?**

Esse projeto foi desenvolvido com uma turma de crianças de Educação Infantil com a faixa etária de 4 a 5 anos, que frequentam uma Escola Municipal de Educação Infantil.

A escola está localizada no bairro Augusta, na cidade de Viamão, região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. O bairro apresenta um público de baixa renda, bem diversificado quanto à escolaridade e etnias. Há muitas ruas sem asfaltamento e com saneamento básico ainda bem precário. Este bairro apresenta um número considerado de escolas da rede municipal e estadual, além de pequenas escolas de Educação Infantil privadas.

Antes, a escola era uma creche comunitária, filantrópica, que se mantinha com doações e mensalidades espontâneas. Após um tempo, conseguiu-se uma parceria com a prefeitura para receber alguns recursos. Aproximadamente no ano de 1997, a creche fechou as portas. Graças ao governo, com a exigência de amparo e visibilidade da Educação Infantil como nova modalidade de ensino, houve a criação de uma escola no espaço da antiga creche, atendendo o desejo da comunidade local.

A EMEI referida começou a ser reconstruída em 2015 e finalizou a estrutura física em um ano e meio. Em primeiro de outubro de 2016 foi reinaugurada. Em 15 de fevereiro de 2017, a escola já estava em período de organização do espaço para, finalmente, abrir as portas no dia 06 de março do mesmo ano.

A escola tem um espaço físico novo e em boas condições. Possui seis salas de aula com banheiros, biblioteca\brinquedoteca, refeitório e cozinha, área coberta, sala dos professores, sala da direção, pracinha e guarita do guarda. Já o público atendido pela escola são crianças de três e cinco anos pertencentes às Vilas Júlia e Augusta, de Viamão, e suas famílias. Os professores que pertencem ao quadro de servidores são concursados da rede municipal oriundos dos concursos de 2013 e 2016. A diretora e vice-diretora foram nomeadas pelo município para a execução desta tarefa. Também a instituição conta em seu quadro com duas cozinheiras e duas auxiliares de serviço gerais e um guarda, que são terceirizados.

A turma escolhida para realização deste trabalho era composta por 20 crianças pertencentes às comunidades dos arredores da escola. Eram, ao todo, 15 meninos e 5 meninas. Nesta turma encontravam-se quatro crianças que eram filhos de professores da rede municipal e estadual.

As crianças apresentavam um comportamento típico da faixa etária: alegres, criativos, prestativos, em pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras, cognitivas, afetivas e também, da construção de sua oralidade. Gostavam muito de cantar e participar de jogos e de desenhos.

É importante informar que a sala de aula possui uma estante de livros que são manuseados pelos alunos durante a rotina das aulas. Como política da escola, os alunos são instados a trazer livros de casa para compartilhar com a turma.

### **3.3 Contações Piloto**

Antes de iniciarmos a Pesquisa\Projeto foram realizadas seis contações de história que tinham como objetivo introduzir os conceitos de *resiliência e superação de obstáculos* e, também, quantificar o tempo médio de atenção que as crianças tinham ao ouvir histórias.

As quatro primeiras histórias contadas foram escritas pela Psicóloga e ilustradora Trace Moroney, escritora de livros infantis que publicou uma coleção de livros com o título “Quando eu me sinto quando” da editora Ciranda Cultural. Os livros utilizados da coleção foram: Inveja, Amado, Triste e Medo. Foram contadas, além disso, as adaptações de Monteiro Lobato das fábulas: “A onça doente” e a “A cigarra e a formiga”.

Observou-se que nas primeiras duas histórias, as crianças não prestaram a atenção na narração, mas demonstraram interesse pelos personagens. No término da semana, conseguimos perceber as crianças mais envolvidas com a tarefa de escutar com atenção e relatar a história à sua maneira. Já conseguiam explicar a sequência dos fatos, e relatar o tema\ título do livro. Na segunda semana quando contamos as fábulas adaptadas por Monteiro Lobato, as crianças interagiram com tranquilidade e atenção.

Concluimos após este momento de contações piloto que as mediações das histórias para esta turma inicialmente não deveriam ultrapassar 10 minutos.

### **3.4 Os registros**

As fábulas foram gravadas e também filmadas para serem utilizadas como material de análise dos dados, juntamente com o diário de campo. As falas das crianças sobre as fábulas foram alvo da nossa análise.

## 4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Durante sete semanas contamos para as crianças as fábulas, que são oriundas do Projeto de Extensão Universitária Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário. Nos anexos, foram colocadas as fotos dos materiais produzidos para as mediações das histórias. No texto das Fábulas, utilizam-se marcações para auxiliar o mediador na entonação da voz no momento da contação de história.

### 4.1 O Amanhecer na Fazenda do Mário

Na primeira semana foi contada a fábula *O Amanhecer*. Esta história relata a resolução de problema através do olhar criativo que as crianças oferecem. Produzida pelas crianças do primeiro Projeto de Extensão Costurinhas, traz a ludicidade para na resolução do problema apresentado. Utilizamos a técnica do avental de feltro, onde foram colocados os personagens com velcro no decorrer da história. Logo após a mediação da história foi realizada uma conversa, com as crianças, sobre os personagens e sobre a sequência da história. Em seguida, as crianças foram convidadas a relatar a história à sua maneira utilizando a oralidade como forma de comunicação, no término desta etapa as crianças representaram a fábula através de desenho.

#### AMANHECER

(Hmmm...bolo de fubá!)

\*\*\*\*\*

Na Fazenda do Mário, num sábado de manhã, o fazendeiro acordou e logo percebeu que faltava um animal, Tiziu, o passarinho! Assustado, foi procurar no celeiro pela vaquinha Mimosa, que também não sabia de nada...

-Como assim? O Tiziu sempre está ali no seu ninho! -Pensou a vaquinha Mimosa.

Mas, querendo atrapalhar tudo, resolveu chamar Laminha, o porco, e juntos sumiram também.

-E agora são três! -Disse Mário desesperado.

-O que vou fazer?! Hummmm....

-UM CAFÉ! - Falou bem alto o fazendeiro.

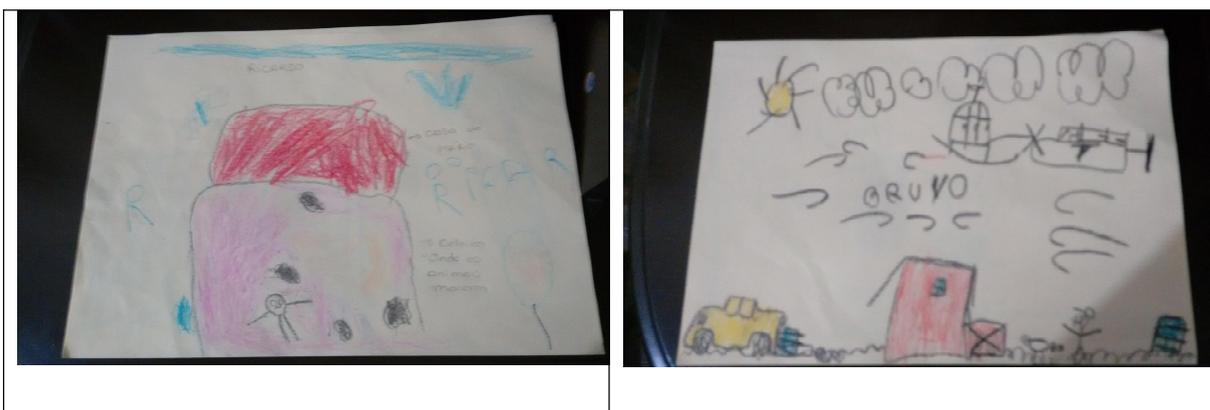
Com pressa, foi convidar a ovelha Floquinho e a Galinha Ruiva, que pareceram entender tudo.

O galinho garnizé e o cavalo branco estavam brincando de ciscar. Quando souberam da história do desaparecimento ficaram chateados, porque gostavam de seus amigos. Mas, na

hora em que o café ficou pronto, com aquele bolo de fubá feito pela Galinha Ruiva, recém saído do forno, e aquela salada de frutas preparada pela ovelha Floquinho, os amigos que estavam "desaparecidos", a vaquinha Mimosa e o porco Laminha, voltaram correndo para o celeiro, junto, é claro, com o passarinho Tiziu.

Esse foi SÓ O COMEÇO de mais um dia cheio de histórias na Fazenda do Mário!

**Figuras: (1 e 2) dos Desenhos produzidos pelas crianças depois da mediação.**



Fonte: Própria

As crianças apresentaram suas hipóteses e suas ideias para manter os animais na fazenda. Uma das ideias propostas foi possibilidade do Mário morar em cima do celeiro dos animais (figura 1). Segundo o pensamento desta criança (4 anos e 8 meses) Mário perceberia quando os animais saíssem. Já a outra criança (5 anos e 2 meses) propôs que Mário comprasse uma gaiola e desenhou um helicóptero levando a gaiola para a fazenda.

#### 4.2 As aventuras de Floquinho

Na semana seguinte foi contada a fábula “*As aventuras de Floquinho*”. O tema desta fábula é *confiança*. Essa fábula foi contada com o apoio de palitoches dos personagens e anexada em um quadro de pregas produzido pela pesquisadora\professora. Logo após, as crianças foram convidadas a recontar a história com os materiais que foram utilizados e recolocados no quadro de pregas, nomeando características para os personagens.

A AVENTURA DE FLOQUINHO

(Medo na noite escura)

\*\*\*\*\*

A ovelha Floquinho da Fazenda do Mário é muito bonitinha, só que NÃO TEM PACIÊNCIA NENHUMA de escutar com atenção o que dizem para ela. SEMPRE QUER SAIR CORRENDO. Um dia, nem quis ouvir direito quando Mário, o fazendeiro, falou:

-No fim da tarde vou chamar todo mundo de volta TOCANDO O SINO GRANDE DA FAZENDA. Os amigos da floresta avisaram que um BICHO BRABO vai ATACAR hoje, na noite escura, sem lua. Nessa noite, nem mesmo o bosque encantado é seguro!

-MÉÉÉÉ!! Me poupe! EU É QUE VOU VIRAR UM BICHO BRABO DAQUI A POUCO! -A ovelha deu risada e cutucou o porco Laminha.

Assim que o fazendeiro abriu a porteira, Floquinho SAIU CORRENDO!

Esperta, a ovelhinha pegou um caminho na floresta que não tinha moscas, baratas, cobras ou escorpiões. Ela sabia que a Rainha Verde, que mora no bosque encantado da Fazenda do Mário, cuidava bem daquele lugar.

O caminho era largo, bonito, cheio de árvores dos lados, com grama gostosa e muitos passarinhos, que traziam frutinhas para Floquinho comer. Mas, lá por volta de meio-dia, com o sol quente brilhando, Floquinho sentiu sede.

-Estou com tanta sede! Onde será que tem água pra beber? -Perguntou aos passarinhos.

Eles responderam:

-Ouvimos dizer que tem um riacho NAS MONTANHAS, com água GELADINHA! Bora lá?

As montanhas não estavam nada perto, mas Floquinho tinha sede e os passarinhos PROMETERAM ficar junto o tempo todo. Então, lá foram eles, pulando e voando alegres. Quando chegaram, quase nem acreditaram no que viram: uma cachoeira L-I-N-D-A caía como um véu de noiva branquinho num lago azul de água limpa.

-MÉÉÉÉ....QUE MARAVILHA!

Floquinho pulou no lago e brincou com os peixes e bebeu água e conversou BASTANTE com os passarinhos, que não paravam de tuitar.

Com tantas brincadeiras o tempo passou rápido e, no final da tarde, o fazendeiro Mário tocou BEM ALTO o sino grande da fazenda, como tinha prometido, para chamar todos de volta para perto de sua casa.

Floquinho ouviu muito bem, mas não quis nem saber, porque queria continuar brincando.

De repente, o sol CAIU atrás de uma montanha, apareceram as estrelas e veio o VENTO FRIO. Floquinho, molhada e TREMENDO, viu que TODOS seus amigos passarinhos foram VOANDO embora... sem... dizer... NADA!

-Eiiii, VOLTEM AQUI, NÃO ME DEIXEM SOZINHA!!! -Floquinho gritou.

Mas os passarinhos NÃO ESCUTARAM. Já estavam loooonge demais!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Que coisa que os passarinhos fizeram, não é mesmo?

Tinham prometido ficar junto com Floquinho e foram embora!

Isso é certo? E agora? O que vocês acham que vai acontecer?

\*\*\*\*\*

APAVORADA, Floquinho começou a correr de volta pelo caminho da floresta. Mas tudo estava ficando escuro, MUIITO escuro. O caminho desapareceu e Floquinho se perdeu na noite! Não sabia mais por onde ir!!

-Ssssss.....sssssss

-Que barulho é esse??

Parecia ALGUMA COISA se arrastando por perto. COM MEDO, Floquinho tropeçou, caiu embaixo de uma árvore e...

-UUUUU....UHUUU..... -Ouviu um GRITO ASSUSTADOR.

-MÉÉÉÉÉ....QUEM QUE TÁ AÍ?

A ovelha ficou de olho ARREGALADO!

-Oi ovelhinha, meu nome é Ruja, a coruja. Como é teu nome e o que você faz aqui, SOZINHA, essa hora, na floresta? Não sabe que é perigoso?

Ruja era grandona, forte, de olhos brilhantes, bico e garras ferozes (GRRRRRRR).

-Sou Floquinho, disse a ovelha. Me perdi no caminho de volta pra perto da casa do Mário porque eu tava brincando e....e....e.... NINGUÉM ME CHAMOU! -mentiu a ovelhinha.

-Ninguém te chamou??? UHUU...UHUUU...- Disse a coruja.

Floquinho ficou ENVERGONHADA com a mentira que tinha acabado de contar!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Por que vocês acham que Floquinho mentiu?

[Para botar a culpa no Mário, é claro! Por isso ela ficou envergonhada.]

\*\*\*\*\*

-MAS FIQUE COMIGO AMIGUINHA! Essa é minha casa e O POVO DA FLORESTA TEM MEDO DE MIM. Enquanto você estiver debaixo da minha árvore, ninguém vai te machucar (GRRRRRR...) -Disse a coruja.

Ruja tinha um JEITO DE BRABA, mas era AMIGA DE VERDADE.

-TEM RAZÃO DONA CORUJA! Ficar andando SOZINHA nessa noite escura NÃO É BOM!! -Floquinho respondeu.

-Claro que é bom! Fsssssssfssssss.... -Alguém disse baixinho.

-EU SSSSEMPRE ando SSSSOZINHA de noite na FLORESSSTA! Vem ver a minha toca, fica logo ali, no beco da urutu.....fssssssssss....vem logo, TEM TANTA COISA BOA PRA FAZER LÁ!!...fssssssssss....vem logo...vem logo....

A voz até que era bonita e Floquinho ficou C-U-R-I-O-S-A!

Será que tinha mais amiguinhos lá para ela brincar e esquecer da noite escura? Aquele barulho "fssssss", "fssssss" dava MEDO!

-MAS, MAS...a voz bonita DISSE que no beco da urutu tem bastante coisa boa pra fazer!! Será que eu devo ir lá pra ver? SERÁ...!?!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

O que vocês acham? Se vocês fossem Floquinho vocês iam lá pra ver? Será que lá no beco da urutu tem amiguinhos MESMO pra brincar? O que vocês acham?

\*\*\*\*\*

POIS É!...Floquinho resolveu ir PORQUE QUERIA ESQUECER DAQUELA NOITE ESCURA, SEM LUA. Começou a se levantar e foi caminhando, caminhando...C-A-M-I-N-H-A-N-D-O em direção da voz bonita! NÃO LEMBROU MAIS DA CORUJA AMIGA, que tinha dito para ela ficar debaixo de sua árvore. Então:

-CRÁÁÁÁÁÁ... -A coruja GRITOU.

Saía FOGO dos seus olhos!! PULOU com as garras para fora. Caiu no chão, LUTOU, MORDEU, CHUTOU e voou segurando uma cobra GIGANTE, que já estava de boca aberta, pronta para DEVORAR Floquinho de uma só vez... (sem mastigar nem nada - porque cobras não mastigam!).

Quando Ruja voltou, Floquinho estava MORTA DE MEDO:

-O QUE ERA AQUILO???

-Aquele era A NÓZA, a COBRA URUTU VENENOSA que anda SOZINHA e FAMINTA pela floresta, NA NOITE ESCURA, SEM LUA, procurando alguém pra devorar! -Disse a coruja BEM SÉRIA.

Floquinho ouviu, então, um sino:

-BLÉIN, BLÉIN....BLÉIN, BLÉIN

Era Mário, que vinha montado no cavalo Lulu procurando a ovelhinha (pocotó, pocotó, pocotó):

-MÉÉÉÉ....MÉÉÉÉ... Eu tô aqui! Eu tô aqui!....MÉÉÉÉ....MÉÉÉÉ...

O fazendeiro OUVIU, pulou do cavalo, foi correndo e deu um GRANDE ABRAÇO em Floquinho:

-Hora de ir pra casa sua F-U-J-O-N-A!

-Foi...foi...foi... TUDO CULPA DOS PASSARINHOS!!! -Gritou a ovelhinha.

-UHUU...UHUUU...-Disse a coruja.

No mesmo instante, Floquinho ficou envergonhada DE NOVO!!!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Por que vocês acham que Floquinho ficou envergonhada de novo?

\*\*\*\*\*

Com ajuda do cavalo Lulu, que sabia bem o caminho, todos voltaram para perto da casa do Mário, onde os amigos (até mesmo as galinhas!\*) ainda estavam acordados,...ESPERANDO.

Quando viram Floquinho soltaram muuus, piu-pius, cocóricós e óinc-óincs de alegria e foram logo para perto da fogueira tomar um chocolate quentinho com biscoito de polvilho, que a Galinha Angolina tinha preparado para todos.

-----

\*As galinhas costumam ir dormir bem cedo

### 4.3 Tiziu e a Rainha Verde

Na terceira semana trabalharmos a história “Tiziu e a Rainha Verde”. A história versa

sobre a inveja. Antes da história, a pesquisadora perguntou para as crianças “ *O que é inveja?*” As respostas que ocorreram foram mais relacionadas à tristeza e saudade, ficando longe do sentido original do termo. Depois que as crianças apresentaram as suas definições sobre o tema, houve a contação da história com o auxílio dos materiais concretos. Logo após, conversamos sobre a sequência da fábula. E novamente, as crianças foram questionadas sobre o termo inveja. Desta vez eles se referiram aos momentos da narração em que a rainha demonstra a sua rejeição ao trabalho do passarinho Tiziu.

#### TIZIU E A RAINHA VERDE

(Pura mágica)

\*\*\*\*\*

Na Fazenda do Mário, entre os campos e as montanhas, tem um bosque encantado onde mora a Rainha Verde. Todos os dias a rainha sai para passear. Olha as árvores com seus olhos verdes, e as árvores se enchem de folhas, flores e frutos. Toca as videiras com seus dedos verdes e as videiras dão cachos de uvas. Pisa na grama com seus pés verdes e a grama fica macia e gostosa, para a alegria dos animais. Molha seus cabelos verdes nas águas do riacho que atravessa o bosque e suas águas ficam refrescantes. Sorri um sorriso verde e as abelhas, zumbindo, fazem um mel delicioso de flores silvestres!

Certo dia, Tiziu, o passarinho, voou até o bosque para ver a Rainha Verde passear. De cima da árvore em que estava pousado, via as coisas lindas que ela fazia e ficou...A-P-A-I-X-O-N-A-D-O!

-Mas sou tãããõ pequenininho. O que posso fazer pra Rainha Verde me ver? Nada!  
-Pensou o passarinho.

A rainha não parava nem um instante. Sorria daqui, tocava as árvores dali, pisava na grama, molhava seus cabelos no riacho e...UFA!!...parecia tão atarefada! Espalhava beleza por todo lado com a magia de sua dança!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Vocês acham que no bosque encantado a magia era só da Rainha Verde?

\*\*\*\*\*

Quando a Rainha Verde terminou seu passeio, Tiziu foi para seu ninho e, depois de pensar bastante, FEZ UM PLANO. Naquela noite ele nem dormiu direito e, assim que o sol nasceu, pulou depressa do ninho, voltou para o bosque encantado, esperou, esperou, e na

hora do passeio da rainha, pôs seu plano em prática.

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

O que vocês acham? Qual foi o plano do Tiziu para chamar a atenção da Rainha Verde?

\*\*\*\*\*

Assim que viu a Rainha Verde, Tiziu pegou com seu bico uma pequena fruta da árvore da amizade, voou COM CORAGEM perto da rainha e plantou a frutinha em um lugar onde a terra era fofa. Tudo o que Tiziu queria naquele momento era um SORRISO de sua rainha.

Para sua grande surpresa, a frutinha brotou e cresceu e se transformou na árvore mais alta do bosque. Sim...a mais alta, a mais bonita, a mais perfumada, a mais cheia de flores e frutos daquele bosque encantado!!

Na mesma hora, a Rainha Verde OLHOU para o Tiziu com seus grandes olhos verdes! Que emoção o passarinho sentiu!! O plano tinha dado certo!!

E os olhos da rainha foram ficando cada vez mais verdes, cada vez mais verdes...de INVEJA, verdes de ÓDIO!!!

-Que PORCARIA é essa que tu tá fazendo no MEU bosque!! -Gritou a rainha fazendo careta....

-Quem entende de bosque encantado aqui SOU EU!

E...mostrou a língua verde para o passarinho!!

O Tiziu quase morreu do coração!! Nunca tinha visto coisa tão feia na vida...e o grito...o grito era de arrepiar as penas!!

-XÔÔ...Sai fora do MEU bosque!! -Berrou a rainha jogando terra no Tiziu!!

Assustado com tanta baixaria, Tiziu voou para bem longe, lá para as montanhas, ONDE A RAINHA VERDE NÃO PODIA CHEGAR.

As plantas e os animais do bosque encantado ficaram tristes. Nunca tinham visto sua rainha se comportar daquele jeito! Indignados, resolveram também ir embora e se mudar para as montanhas, junto com o Tiziu, onde a Rainha Verde não podia chegar.

Foi assim que o bosque encantado SE TRANSFORMOU EM UM DESERTO, cheio de aranhas, cobras, moscas e mosquitos.

-Nossa, o que foi que eu fiz!?! -Disse a Rainha Verde, vendo o que tinha acontecido

com o bosque encantado.

De repente...TCHAAANNN...a rainha entendeu! Todo dia, quando ela olhava para as árvores, eram as árvores que, com sua magia, davam flores e frutos para agradar a rainha. Quando tocava as videiras, eram as videiras que davam uvas para sua rainha. Quando pisava na grama, era a grama que ficava macia para não machucar os pés de sua rainha. Quando molhava seus cabelos no riacho, eram as águas que ficavam refrescantes para alegrar sua rainha e, quando ela sorria para as abelhas queridas, eram elas, as abelhas, que faziam um mel gostoso de flores silvestres.

A Rainha Verde compreendeu que A MAGIA TAMBÉM ESTAVA EM SEUS AMIGOS!

-SOZINHA NÃO POSSO FAZER NADA! -Disse a Rainha arrependida.

Vendo que a rainha tinha entendido tudo e PRECISAVA DELES, os moradores do bosque, plantas e animais, junto com o Tiziu, voltaram depressa, porque eles ainda amavam demais sua amiga, a Rainha Verde.

Por isso, ainda hoje, o bosque encantado da Fazenda do Mário continua encantando todos os que passam por ele, especialmente por causa da árvore da amizade plantada pelo Tiziu.

Eu mesmo falei com a Rainha Verde esses dias e ela me disse que essa história é de verdade!

\*\*\*\*\*

#### **4.4 A Abelha Zangada: Os outros e eu**

Esta fábula refere-se à diferença das pessoas e a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras). No início, ensinamos para as crianças algumas palavras em Libras através de sinais. Conversamos sobre as histórias e as crianças apresentaram as suas opiniões sobre os personagens e a relação sobre eles. Depois, construímos um cartaz sobre diferenças utilizando Libras e Braile e modelagem de letras.

A ABELHA ZANGADA

(Os outros e eu)

\*\*\*\*\*

Todo mundo sabe que as queridas abelhas do bosque encantado da Fazenda do Mário são muito fáceis de se gostar! São alegres, trabalhadoras, conversam com todos e NUNCA FAZEM FOFOCA.

Enquanto vão de flor em flor coletando néctar para fazer seu mel delicioso, as abelhas aproveitam para levar notícias alegres da Rainha Verde. Para quem ainda não sabe, a Rainha Verde é quem cuida de todos os que moram no bosque encantado, plantas e animais.

Certo dia, enquanto voava alegre pelo bosque, a abelha Lilinha encontrou uma flor diferente. ERA UMA FLOR ESPECIAL, LINDA! Só tinha um problema: já era 10 horas da manhã e ela ainda estava fechada.

-Hummmm...será que está doente? -Lilinha, pensou preocupada!

Intrigada, a abelha voou bem perto da flor e perguntou:

-Flor bela, são 10 horas da manhã, o sol está brilhando, o vento suave soprando e a alegria das abelhas está no ar. Por que ainda estás fechada?

Mas a bela flor não respondeu.

Lilinha tentou novamente, desta vez com voz mais alta: (hrã..hrã...limpou a garganta..)

-Ó mais bela das flores, são 10 horas da manhã, o sol está brilhando, o vento suave soprando e a alegria das abelhas está no ar. Por que ainda estás fechada?

Mas a flor NEM DEU BOLA.

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Por que vocês acham que a bela flor estava fechada e não deu nem bola para Lilinha?

\*\*\*\*\*

Lilinha, então, ficou braba e, irritada, gritou:

-QUEM TU PENSA QUE TU É? NEM OLHA PRA MIM QUANDO FALO CONTIGO! SUA MAL EDUCADA!!

A flor dessa vez se mexeu: SE FECHOU COM MAIS FORÇA AINDA!

Lilinha virou as costas e foi embora zangada dizendo que nunca mais ia visitar aquela flor. Mas, no dia seguinte, não resistiu em voar por perto daquela flor tão bonita. Mesmo a distância, a abelha Lilinha viu que a FLOR ESTAVA ABERTA, sorrindo, e tinha dado para a abelha Belinha um pote cheio de néctar perfumado!

Lilinha ficou super triste. Pensou que a mais bela das flores do bosque encantado não gostava dela. PARA UMA ABELHA, ISSO É HORRÍVEL! Nem conseguiu mais trabalhar naquele dia. Foi para a colméia, se fechou no seu quarto e começou a chorar.

No final do dia, a abelha Belinha foi bater no quarto de Lilinha para saber qual era o problema. Lilinha abriu a porta com os olhos inchados de tanto chorar e falou:

-A mais LINDA das flores do bosque encantado ME ODEIA! BUÁÁ ....

-Eu tentei falar com ela várias vezes e ela nem dá bola pra mim, enquanto pra ti ela sorri e te dá néctar perfumado!! BUÁÁ....

Entendendo, Belinha falou:

-Querida Lilinha, a mais bela das flores do bosque encantado NÃO te odeia. A mais bela das flores do bosque encantado É SURDA! Para falar com ela você deve usar a língua brasileira de sinais. Vem cá que eu te ensino...

Lilinha viu, então, como ela tinha sido boba! Aprendeu LIBRAS e se tornou a melhor amiga da mais bela das flores do bosque encantado. Juntas, conversaram muito e deram boas risadas de tudo o que tinha acontecido:

-Eu sempre ficava fechada com medo que os outros viessem falar comigo e eu não entendesse nada. -Disse em LIBRAS a mais bela das flores do bosque encantado.

-Naquele dia em que você veio para perto de mim EU ESTAVA COM O MEDO DE SEMPRE e não ouvia nada. Quando você fez aquela cara feia e zangada, fiquei com mais medo ainda e me fechei com mais força.

-Bah...Desculpe amiga! Disse Lilinha em LIBRAS.

Hoje em dia, graças a Lilinha, todas as abelhas do bosque encantado da Fazenda do Mário sabem a língua brasileira de sinais e são amigas de todos os moradores do bosque, plantas e animais, surdos e ouvintes!

Ahh.... e a mais bela das flores do bosque encantado nunca mais ficou fechada às 10 horas da manhã.... quando o sol está brilhando, o vento suave soprando e a alegria das abelhas está no ar.

\*\*\*\*\*

#### 4.5 O Burrinho Semcor

Esta história explica como o bullying pode ser extremamente cruel. Nela, relatamos a

necessidade de mantermos distância do perigo, a importância de conversar com os responsáveis e sobre a capacidade de nomear\relatar os momentos de bullying. Contamos a história para as crianças, com os materiais e logo após conversamos sobre os desfechos dela. As decisões do burrinho foram o alvo central da conversa: a ida até a floresta, o esconder-se no estábulo (“celeiro”, para as nossas crianças), o não contar nada para ninguém, e, finalmente a conversa com o fazendeiro Mário.

### O BURRINHO SEMCOR

(Alegria de viver)

\*\*\*\*\*

Na Fazenda do Mário vive um burrinho chamado Semcor. Todo mundo nasce com uma cor, mas, quando o burrinho nasceu, ele tinha a "cor de burro quando foge". Como ninguém sabia o nome daquela cor, deram para ele o nome de burrinho Semcor.

Como todo burro, Semcor é teimoso. Nas suas horas de folga, no ano passado, Semcor teimava em ir pastar na floresta, fora do caminho seguro, mesmo sabendo que era perigoso. Floquinho, sua amiga ovelha, já tinha contado para todo mundo que quase tinha sido devorada pela Nóza, a cobra urutu venenosa que vive na floresta.

Só que na floresta, FORA DO CAMINHO SEGURO, sempre tinha amoras maduras, doces como o mel, e Semcor era LOUCO por amoras maduras, doces como o mel. (Somente quem é louco por amoras doces pode entender!)

Nessa floresta da Fazenda do Mário, além da Nóza, a cobra urutu venenosa, moram, também, formigas, moscas, lagartos e escorpiões. De todos esses bichos, os mais chatos são as moscas. Vivem fazendo confusão e não deixam ninguém em paz.

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Vocês também acham as moscas chatas?

Como que elas são chatas? O que elas fazem?

\*\*\*\*\*

Um dia, quando o burrinho Semcor foi para a floresta para comer amoras as moscas gritaram:

Bicho burro e teimoso

Nasceu sem cor e todo errado

É difícil de se gostar

Não tem amigo nenhum

Vive emburrado

Briga com todo mundo

Zurra, morde e é... CHORÃO

As moscas vieram por todo lado e começaram a morder o burrinho. As mordidas doíam bastante. Semcor saiu correndo, e, SEM FALAR COM NINGUÉM, foi direto para o estábulo. De lá, não queria mais sair para nada! Nem mesmo para comer!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Viram só o que aconteceu com o burrinho?

Vocês acham certo que ele não falou nada para ninguém? Por quê?

\*\*\*\*\*

Mário, o fazendeiro, logo percebeu que alguma coisa tinha acontecido e foi conversar com o burrinho.

-Semcor, o que aconteceu?

-As moscas da floresta me morderam e disseram que nasci todo errado, que ninguém gosta de mim e que sou feio e sem cor. -Contou o burrinho.

Mário disse:

-Não é verdade! Você é um burrinho bonito, forte e com mil amigos. É TEIMOSO, mas todos aqui te amamos! Isso que as moscas fizeram contigo se chama BULLYING. Nem dê bola. Elas é que são umas chatas. É delas que ninguém gosta! Quanto às mordidas, vem cá, eu vou te tratar.

Assim, Semcor aprendeu o que era BULLYING, sarou das mordidas das moscas e compreendeu onde estavam seus amigos de verdade. Ficou alegre com tudo o que o Mário falou.... e, também, com o tratamento das mordidas, é claro!

Daquele dia em diante, o burrinho Semcor decidiu que, por algumas amoras doces, não valia a pena encontrar aquelas moscas de novo, e nunca mais foi para a floresta fora do caminho seguro.

Aliás, preferiu ir sempre ao bosque encantado, onde mora a Rainha Verde, porque lá existe uma árvore da amizade plantada pelo Tiziu e porque, de lá, do bosque encantado, sempre volta se sentindo melhor, mais alegre e com mais vontade de viver.

#### 4.6 O Segredo da Galinha Ruiva

Na semana seguinte falamos sobre a Galinha Ruiva e as suas receitas maravilhosas e como alguém pode estar doente, triste e quando percebemos essa situação, como devemos agir. Esta história foi contada com o auxílio do quadro de pregas, onde colocamos os personagens. Depois, conversamos sobre a história e as funções dos personagens na narrativa.

##### O SEGREDO DA GALINHA RUIVA

(Conversando, a gente se entende)

\*\*\*\*\*

Ruiva, a galinha ruiva da Fazenda do Mário, é bastante admirada pela cor vermelha brilhante de suas penas e pelo seu talento de doceira. Ninguém faz cucas, bolos e doces tão gostosos quanto ela. Quando tem alguma festa na fazenda, todos querem que a galinha ruiva faça os doces. Isso é certeza de sucesso!

Em uma primavera, Ruja, a coruja, anunciou que ia se casar. Para a festa de casamento, Ruja encomendou os doces para a galinha ruiva, é claro!

Acontece que, naqueles dias, Ruiva não andava bem de saúde. Ficava muitas vezes de MAU HUMOR, SEM VONTADE DE TRABALHAR, DESCONFIADA DE TODO MUNDO e COMEÇOU A FAZER FOFOCA! O fazendeiro Mário ficou sabendo disso e achou que seria bom para a saúde da galinha ruiva que a galinha Angolina fosse ajudar a preparar aquela festa.

No primeiro dia de trabalho, Angolina quase teve um chique. É que a Ruiva não parava de falar, parecia uma metralhadora - TÁTÁTÁTÁTÁTÁTÁ - e pior, FALAVA MAL DE TODO MUNDO!

Disse que o burrinho Semcor era um inútil, que o Mário era um bobão, que o Tiziu era um safado, que as abelhas do bosque encantado faziam mel ruim, que a Rainha Verde era isso, que Floquinho era aquilo. Como se não bastasse, acusou a Angolina de ROUBAR sua receita de chocolate quente e biscoito de polvilho!

-Que que é isso?!? A Ruiva só pode estar mal da cabeça! - Pensou a galinha Angolina. - Vou falar com o Mário!

Mário, que já tinha percebido que a Ruiva andava estranha, resolveu telefonar para a Doutora Sara, a saracura que mora perto dos grandes lagos. Sara é bem inteligente e, pelo que o Mário falou no telefone, desconfiou que podia ser um problema de SAÚDE MENTAL.

A saracura não perdeu tempo, ligou para a Ruiva com a desculpa de que queria aprender uma receita de bolo de morango e marcou um encontro para o dia seguinte.

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

O que vocês acham que aconteceu no encontro entre a Doutora Sara e a galinha ruiva?

\*\*\*\*\*

Bem, no dia seguinte, quando a doutora Sara chegou na casa da Ruiva, a galinha foi logo dizendo:

-Sara, que bom que você veio, você sabia que a Angolina r-o-u-b-o-u minha receita de chocolate quente e biscoito de polvilho, SÓ PRA SER A QUERIDINHA DO BOBÃO DO FAZENDEIRO MÁRIO? Sabia?

A doutora Sara olhou bem nos olhos da galinha ruiva e perguntou com carinho:

-Ruiva, querida, o que está acontecendo contigo. Por que essa tristeza toda que eu vejo em ti?

Pega de surpresa, a galinha ruiva COMEÇOU A CHORAR. Sara preparou um chá de folha de laranjeira e quando a Ruiva se acalmou, esperou que ela falasse:

-Antes de vir morar na Fazenda do Mário - disse Ruiva - minha melhor amiga, dona da fazenda vizinha, me vendeu para uma fábrica de sanduíche de galinhas. - BUÁÁÁ'

-Só não virei sanduíche porque o Mário me salvou no último minuto. Já tinham até colocado CATCHUP em mim - BUÁÁÁ...

E continuou:

-Acontece que, na semana passada, EU VI o Mário conversando com a dona da fazenda vizinha e PIREI DA CABEÇA. Já não consigo mais confiar em ninguém!!

Sara entendeu o problema e falou com sinceridade:

-Ruiva, pode confiar em mim. A dona da fazenda vizinha veio aqui só para se desculpar com o Mário pelo que ela tinha feito contigo. Eu estava perto e ouvi tudo.

Ruiva ficou aliviada em saber disso, começou a voltar ao normal e falou para a doutora Sara:

-Puxa vida! Eu devia ter falado direto com o Mário em vez de ficar maluca, não é mesmo?

A doutora Sara concordou.

Sara e a galinha ruiva foram, então, até a casa do Mário, que estava cheia dos amigos da fazenda, que tinham ido perguntar ao fazendeiro o que estava acontecendo com a Ruiva.

Ruiva falou:

-Pessoal desculpe meu ATAQUE DE NERVOS dessa semana. É uma longa, loooooonga história. Mas, agora, depois de conversar com a doutora Sara, já estou bem de novo e com vontade de fazer um monte de doces para a festa de casamento da querida Ruja.

Não precisa nem dizer que a festa de casamento foi um sucesso!!

Ruja, a noiva, ficou super alegre e ninguém esqueceu até hoje na Fazenda do Mário, dos bolos, tortas, doces e também salgados que Ruiva e Angolina prepararam juntas, com muito carinho, para aquela festa!

#### 4.7 O Porco Laminha e a Borboleta Azul

Na penúltima fábula, foi contada a história do “Porco Laminha e a Borboleta Azul”. Nessa aventura trabalhamos as relações e a responsabilidade que elas provocam, também, a busca por novas amizades. Logo após, as crianças contribuíram com a remontagem da sequência da narrativa, utilizando a oralidade, expressando as suas ideias sobre os personagens.

##### O PORCO LAMINHA E A BORBOLETA AZUL

(Herói por acaso)

\*\*\*\*\*

Laminha, um porquinho gorducho da Fazenda do Mário, não gostava de compartilhar seus brinquedos com ninguém. Por isso, NINGUÉM ia brincar com ele.

Um dia, enquanto brincava sozinho em uma poça de lama (todo porquinho gosta de brincar numa boa poça de lama!), Laminha viu que Zuzu, a borboleta azul do bosque encantado, vinha voando depressa na sua direção.

-Ihhhh! Lá vem a Zuzu! Aposto que vai querer brincar na MINHA poça! -Pensou o porquinho.

Mas que nada! Quando Zuzu chegou perto, ficou voando em volta do Laminha,

gritando:

-Laminha, Laminha, SOCORRO! Você é o mais forte de meus amigos e PRECISO DE TUA AJUDA!!

-O que foi Zuzu? - Perguntou o porquinho assustado.

-A Rainha Verde do bosque encantado caiu em uma armadilha da Nóza, a cobra urutu venenosa! Precisamos ir salvar a rainha antes que seja tarde demais!

-O quê? Como assim? A Nóza conseguiu entrar no bosque encantado?

-Nããã! -Respondeu a borboleta.

-A rainha caiu em uma armadilha da cobra lá na floresta, no beco da urutu, onde a mágica do bosque encantado não funciona!!

-Como foi isso? -O porquinho perguntou.

-Foi assim - começou Zuzu a explicar nervosa - A URUTU PLANEJOU TUDO, roubou o ovo único da arara Branca porque sabia que a arara ia pedir ajuda para a Rainha Verde. Quando a rainha foi tentar pegar de volta o ovo único da arara Branca no beco da urutu, a cobra jogou uma rede nela. Agora ela está amarrada lá e, com certeza, hoje à noite, vai virar SOPA VERDE, COM LEGUMES E OVO COZIDO DE ARARA!!

Laminha olhou para a borboleta azul e disse:

-AZAR É DELA!!! Quem mandou ir no beco! ELA FOI PORQUE QUIS!! Eu não tenho nada a ver com isso. Não quero virar porco assado! Me deixe em paz que eu tô muito bem aqui tomando meu banho de lama!

-O quêêê??!! -Disse a borboleta.

-Não acredito!!

-É isso mesmo!! Quem mandou ela ser OTÁRIA!!

Quando Laminha falou isso, a borboleta azul ficou furiosa! Se jogou nas costas do porco e, com suas asas mágicas do bosque encantado, levantou voo segurando Laminha em suas patas.

-AH É?!? Você não vai me ajudar? VAI ME AJUDAR SIM! Eu não consigo salvar a rainha sozinha! -Disse a borboleta carregando o porquinho bem alto.

Laminha começou a dar chute e a xingar:

-Me SOOOOOLLTAAA seu monstro azul. Sua, sua...ZOIÚDA!!!

Deu tanto chute que a borboleta não aguentou mais e Laminha caiu lá do céu, feito um saco de batatas.

-AAAAAhhhhhhhhhh!!!!

POW!! Laminha caiu. E caiu sabe onde?

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Onde vocês acham que o porco Laminha caiu? Hein??

\*\*\*\*\*

BEM NA CABEÇA DA URUTU, A COBRA VENENOSA, que desmaiou na hora, porque o porquinho era bem gordo!

Zuzu, a borboleta azul, veio VOANDO e disse:

-Rápido Laminha, me ajuda a desamarrar a Rainha Verde!

Não foi fácil, mas, juntos, conseguiram desamarrar a rainha. A Rainha Verde pegou de volta o ovo da arara Branca e, com o porquinho e a borboleta, SAIU CORRENDO para o bosque encantado, antes que a urutu acordasse.

Quando entraram no bosque encantado, todos os amigos começaram a gritar:

-LAMINHA É MEU HERÓI! LAMINHA É MEU HERÓI!

Para comemorar, a Rainha Verde preparou PARA TODOS uma super poça de lama mágica de estrelinhas coloridas. Adivinhem só se o Laminha não gostou??? Gostou tanto que NEM LEMBROU MAIS DA BRIGA COM A ZUZU.

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

E a Zuzu, será que ficou chateada porque só chamaram o Laminha de herói?

\*\*\*\*\*

Zuzu, a borboleta azul, vendo a alegria do amigo Laminha, esqueceu os pontapés e os xingões E NÃO PERDEU TEMPO, foi brincar junto com todo mundo na super poça de lama mágica de estrelinhas coloridas que a Rainha Verde tinha preparado para todos.

No bosque encantado é assim, a amizade sempre vence (...por causa da árvore da amizade que Tiziu, o passarinho, plantou).

Daquele dia em diante, Laminha nunca mais quis brincar sozinho porque aprendeu, no bosque da Rainha Verde, que ERA MUITO MAIS DIVERTIDO brincar na poça de lama COM SEUS AMIGUINHOS.

#### 4.8 Condomínio Árvore Grande

Na última, semana falamos sobre resolução de problemas com a fábula “Condomínio da Árvore Grande”, que fala sobre a importância de conversar e tentar resolver os problemas de forma harmoniosa, buscando fazer amizade ao invés de procurar briga e confusão.

##### CONDOMÍNIO ÁRVORE GRANDE

(Amizade sim!)

\*\*\*\*\*

Ruja, a coruja da floresta da Fazenda do Mário, recém casada, sentiu a necessidade de se mudar para uma toca maior, pois os filhotes iam precisar de espaço para brincar.

Em uma noite de lua cheia, Ruja viu um anúncio:

##### CONDOMÍNIO ÁRVORE GRANDE

+ Tocas amplas e bem arejadas

+ Síndico profissional (esquilo Dentinho, engenheiro)

+ Perto de belezas naturais (montanhas, cachoeira e grandes lagos)

-AMEI -disse a coruja- é para lá que eu vou!!

E, assim, Ruja se mudou com sua família para uma toca muito legal no Condomínio Árvore Grande. QUE FELICIDADE!

Mas logo começaram os problemas! A vizinha de cima, quando limpava sua toca, jogava lixo pela janela e de dia, em vez de dormir como todas as corujas, ficava escutando FUNK bem alto e cantando desafinada.

Ruja começou a bater com um cabo de vassoura no teto de sua toca para ver se a vizinha parava com o barulho, cada vez que ela começava com aquela loucura.

A vizinha NEM DEU BOLA, continuou jogando lixo pela janela e fazendo barulho de dia!!

IRADA, em um dia de gritaria da vizinha, Ruja pôs a cabeça para fora de sua toca e berrou:

**-VAMOS PARAR DE JOGAR LIXO PELA JANELA!!! ... E PARA COM ESSE BARULHO QUE EU QUERO DORMIR!**

A vizinha também pôs a cabeça para fora da toca e gritou:

**-EU TÔ NA MINHA TOCA E FAÇO O QUE EU QUERO!!!... FICA QUIETA VOCÊ!!**

Xiiii!! Isso ia ser uma briga feia!

Ruja, vendo que brigar só ia piorar as coisas, pensou em uma COISA DIFERENTE.

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

O que vocês acham que a Ruja fez?

- a) Comprou uma metralhadora?
- b) Fez um pudim de baratas?
- c) Começou a chorar?
- d) Foi assistir televisão?

\*\*\*\*\*

Ruja fez um pudim de BARATAS CROCANTES, sua especialidade, e foi até a toca da vizinha em uma noite em que tudo estava calmo.

Vendo que Ruja trazia um pudim de baratas para ela, a vizinha convidou:

-Entre, por favor! Vamos comer esse PUDIM DE BARATAS juntas!

\*\*\*\*\*

Mediador de leitura:

Viram só como Ruja foi inteligente?

Na maioria das vezes: AMIZADE GERA AMIZADE.

\*\*\*\*\*

Enquanto comiam as baratinhas crocantes, a vizinha falou:

-Ruja, TENHO DOIS PROBLEMAS SÉRIOS: minha toca não tem lugar para jogar o lixo e eu sofro de insônia. Isso está me deixando maluca! O que será que eu posso fazer?

NHAAC...a vizinha caçou rapidamente uma barata que tentava escapar.

Ruja respondeu:

-Hummm...vamos chamar o síndico, esquilo Dentinho, ele é engenheiro e vai poder nos ajudar com o problema do lixo.

-Quanto à insônia, (GLUP...engoliu uma baratinha!) eu conheço uma pessoa, a Doutora Sara Cura, que certamente vai te dar boas dicas.

E assim foi. O engenheiro Dentinho fez um túnel na árvore para a vizinha jogar seu lixo. O lixo caía pelo túnel até o pé da árvore e os animais da floresta levavam o lixo embora.

A Doutora Sara Cura veio e receitou uns chás deliciosos que davam sono de dia, e o problema da insônia também ficou resolvido.

As duas corujas, Ruja e a vizinha de cima, se tornaram amigas e Ruja convidou sua vizinha para ser a madrinha dos filhotes que já estavam quebrando as cascas dos ovos para nascer! Logo ia ter MUITO BARULHO e CONFUSÃO por ali com os quatro filhotes que estavam chegando!!

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Para responder a nossa pergunta: Como as crianças atribuem significado às nossas narrativas incompletas da “Fazenda do Mário”? Dividimos as nossas observações sobre as mediações de história em três categorias: *A fuga*, *A Moral da História* e *Para além da Fazenda*.

“A Fuga” refere-se aos momentos em que as crianças registraram as partes das histórias que mais lhes chamaram a atenção, além das releituras que as crianças realizaram em cima das fábulas. Em “A Moral da História” referimo-nos às conversas e ações/reflexões que as crianças realizaram longe dos momentos de contação de história. Como a pesquisadora é a professora da turma, foi possível observar essas conversas e reflexões ocorridas com os alunos. Finalmente, em “Para Além da Fazenda”, trazemos as reflexões das crianças em diálogo com outras narrativas, parte de seus repertórios.

### 5.1 A Fuga

O objetivo principal deste trabalho foi fazer o questionamento: “Como as crianças contam as fábulas que ouviram? Foi interessante perceber que as releituras que os pequenos realizaram foram sendo incrementadas durante o projeto. Além disso, eles ampliaram a sua oralidade e desenvolveram um pensamento mais detalhado para explicar acontecimentos, situações, propor hipóteses e ideias. O que no início eram apenas pequenas palavras, no término do projeto, tornaram-se ideias completas.

Na primeira mediação de história, “O amanhecer na fazenda do Mário”, eles preferiram terminar a história logo depois que os animais fogem. É bom salientar que, durante as narrativas que se seguiram, os alunos preferiram inserir momentos de fugas. Decidiram, também, suprimir a participação de alguns personagens, como no caso da fábula da “Galinha Ruiva”. Os alunos não quiseram utilizar, em nenhum momento de suas reconstruções, a “Galinha Angolina”, nem a “Doutora Sara Cura”. Preferiram, em vez disso, utilizar para o enredo apenas o “Fazendeiro Mário”. Entre as contribuições para a narrativa, eles relataram a preocupação com a galinha e a ideia de que esta deveria fugir.

- “Porque a galinha não fugiu da mulher?” - Disse uma aluna.

- “Ela deveria ter fugido do Mário, também? ” - Disse outro aluno.

- “Mas é o Mário que cuida dela! Que nem pai. ” Completou um terceiro.

Esta visão de fuga foi apresentada para eles no início das narrações e permaneceu viva em todas as outras fábulas, como no caso da narrativa “O Condomínio Árvore Grande”, em que eles apresentaram as seguintes contribuições:

-“Porque a coruja Marrom (porque a Ruja de feltro é marrom), não foi morar na fazenda? ” -Como não houve uma resposta vinda das crianças, a pesquisadora perguntou a eles. – “As corujas moram na fazenda? ”. Para responder essa pergunta, um aluno utilizou a música do “Seu Lobato” e concluiu que as corujas não moram nas fazendas nem nos sítios, “corujas moram nas árvores”. Não fugindo do assunto, aproveitamos a oportunidade para realizar uma pequena pesquisa sobre os costumes das corujas na internet.

Analisando as releituras das crianças, nos damos por conta de que diversas fábulas de nossa autoria e de outros autores, trazem a palavra *fugir*. Nas nossas histórias: “Amanhecer”, “A Aventura de Floquinho”, “A Galinha Ruiva”, “Tiziu e a Rainha Verde”, “Burrinho Semcor”, “O Porco Laminha e a Borboleta azul”, “A Abelha Zangada”; aparecem as palavras *fugir*, *esconder*, e as crianças as reutilizaram à sua maneira dentro das narrativas e atribuíram novos significados aos momentos de fuga.

Em se tratando de narrativas psicológicas, podemos perceber que fugir (e seus similares) são enredos conhecidos dos contos de fadas e das fábulas, como vemos em “O Patinho Feio” de Hans Christian Andersen, fábula que conta a jornada de um cisne criado por uma pata junto com os patinhos, porém após sofrer com a rejeição decide sair do grupo e procurar uma nova família e, somente após o inverno, encontra a sua verdadeira natureza. Pinheiro (2004) explica que, segundo Piaget, nesta faixa etária é comum as crianças criarem o seu conhecimento a partir das suas experiências, utilizando os objetos, no nosso caso as narrativas (nossas e as que eles já traziam em seus repertórios).

Em outras narrativas bem conhecidas das crianças, como *Frozen e Rei Leão*, ambas produzidas pelos estúdios Disney e dirigidas ao público infantil,, os protagonistas enfrentam uma aventura após uma fuga para encontrar um sentido na vida. Por entender que este sentido precisa ser buscado, essa jornada de auto busca é muitas vezes mais impressionante que os

próprios desfechos da história. Principalmente, se esse enredo envolve a família, e a busca por algo.

## 5.2 A moral da história

Neste projeto, entendemos *moral* como a razão por detrás dos acontecimentos. Segundo Bagno (2006), anteriormente citado, a moral é a essência da fábula. A moralidade nos textos antigos costuma estar explícita no final da narrativa. Porém, nas Fábulas Incompletas da “Fazenda do Mário”, a moral é desenvolvida pelos ouvintes/leitores através da reflexão e de sua interpretação, ou seja, a moral da fábula é significada através dos olhares e vivências das crianças.

Após a contação das oito histórias, foi observado que, mesmo em momentos da aula em que não se estava contando histórias e em situações diferentes das expostas nas narrativas, as crianças utilizavam de conceitos e personagens para nomearem as situações, como, por exemplo:

– “Não pode fugir senão a urutu pega” – (fala de um aluno se referindo à a outro que estava distante do grupo quando a turma se encaminhou para o refeitório).

– “Não joga lixo no chão se não vai comer comida barata, né prof.?” – (fala de um aluno fazendo referência a história “Condomínio da Árvore Grande”).

Além disso, surgiram em meio a outros assuntos, reflexões sobre os personagens. Um exemplo foi a reflexão sobre a fábula “Laminha: Um herói por acaso”. Os alunos ficaram um bom tempo refletindo e discutindo que o porquinho “Laminha” deveria mudar de nome, pois os alunos concluíram que ele estava sofrendo bullying como o burrinho da fábula “O burrinho Semcor”.

## 5.3 Para além da Fazenda

Depois de realizarmos as contações das histórias, continuamos realizando leituras de outros livros direcionados para a faixa etária. Um desses foi o livro “ Cada galho com o seu Macaco” de Silvio Costta, ilustrado por Liza Petiz. Esse livro foi escolhido dentro do projeto

*Leitor na escola*, realizado pela prefeitura.

Durante a visita da ilustradora, as crianças que participaram do projeto, contribuíram de forma ativa com a contadora da história (tipo fábula). Através disso conseguimos perceber que as nossas crianças conseguiram interagir, contribuir com novas ideias e, principalmente, estar envolvidas com a história do começo ao fim.

Durante a história, as crianças participaram com as suas ideias, procurando moralizar as ações e as consequências das ações dos personagens, antecipando acontecimentos e relacionando os fatos da história com os fatos do dia-a-dia, procurando, assim, atribuir um sentido para a narrativa apresentada pela ilustradora.

Segundo Victor Frankl (2015), um dos caminhos para a busca do sentido é a ação que realizamos diante das situações. O ato de participação na narração da história, bem como a tentativa de moralização das ações dos personagens apresenta a tentativa dos alunos de significar para si aquela situação específica, no caso, a contação da história.

As crianças, ao significar a história, dando para ela um sentido moralizador, produziram um efeito também na contadora da história, que modificou o final da história aproveitando as contribuições das crianças, inserindo no texto uma perspectiva moral.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta jornada pelas Fábulas com Sentido: Intervenções e Autorias, procuramos entender como as crianças recontam as fábulas contadas.

Encontramos em diversos autores as contribuições sobre as fábulas e a logoterapia, e através da nossa pesquisa-ação com as crianças, percebemos que as fábulas adquirem o olhar/sentido daqueles que as ouvem, a partir, é claro, das experiências e associações que o leitor (ouvinte) realiza.

A influência do contador e dos parceiros de escuta influenciam no julgamento e moralização das narrativas, construindo, por fim em cada um, narrador e ouvintes, uma história própria e coletiva ao mesmo tempo.

Gostaríamos de acrescentar que no término desta pesquisa as crianças obtiveram acesso através de Tablets às ilustrações das Fábulas Incompletas da Fazenda do Mário, que foram idealizadas pelo artista Fernando Robson Almeida. As ilustrações encontram-se em anexo.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Fabulas fabulosas: Práticas de leitura e escrita / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). **Salto para o futuro**, Brasília, Ministério da Educação, 2006.p.51-52.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fada**. Paz e Terra. 2002

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**.

Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192) em 13\06\18

CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. **Fadas no divã**. Porto Alegre, Artmed. S\D

COSTTA, Silvio de. **Cada galho com o seu Macaco**. Paulinas, 2011

FEITOSA, Inácia Hosana. **O reino dos contos de fada e o reino dos valores: uma visão logoterápica**, UNEP- Campina Grande PB, TCC. 2012

FOLLADOR, Simone Fátima Hallabura. **Do sabor de contar histórias ao saber sobre histórias para ouvintes: Estudo sobre a contribuição da contação de história ao desenvolvimento do pensamento na criança**. Dissertação. UFRGS. Porto Alegre. 2011

FONTES, Carla. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significado. In: **Psicologia prática e teoria**. 2006 N° 8 (2) p.123-131

FRANKL, Viktor Emil. Em busca de sentido, São Leopoldo -Sinodal, Petrópolis- Vozes, 2015, 37° edição

FROZEN, uma aventura congelante. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee, Produção: Peter Del Vecho. EUA. Walt Disney Pictures, 2014, DVD

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas: A cigarra e a formiga** disponível em <http://byblosfera.blogspot.com.br/2015/01/a-cigarra-e-as-formigas-fabulas-de.html> acesso em 29\04\18

LOBATO, Monteiro. **Fábulas: A onça doente** disponível em <http://byblosfera.blogspot.com.br/2015/01/a-onca-doente-fabulas-de-monteiro-lobato.html> acesso em 29\04\18

MICHAELIS dicionário online : <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/> acesso em 31\05\2018

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 9-30.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MORONEY, Trace. Coleção: Quando me sinto, disponível em inglês em também em <http://www.tracemoroney.com/meet-trace.html> acesso em 28\04\18 também em <http://www.cirandacultural.com.br/produto/quando-me-sinto-triste-9909> acesso em 28\04\18

PINHEIRO, Flávia Isaias. **Piaget e as histórias infantis: Uma aproximação possível para o letramento**. Dissertação. UFRGS. Porto Alegre, 2004

O REI LEÃO. Direção: Roger Allers e Rob Minkoff, Produção: Don Hahn. EUA. Walt Disney Pictures, 1994. DVD

SOUZA, Loide Nascimento. **A fábula e o efeito fábula na obra de Monteiro Lobato**. Tese. UNESP. Assis, 2010 P.361

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach et alii (Orgs.). **Objetos de Aprendizagem: teoria e prática**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

**OBRAS CONSULTADAS**

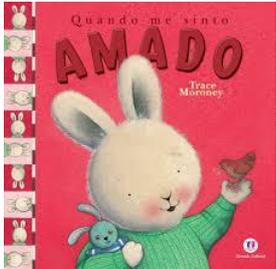
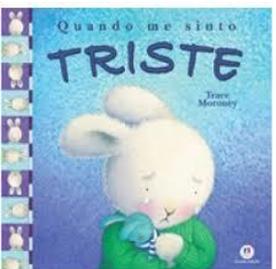
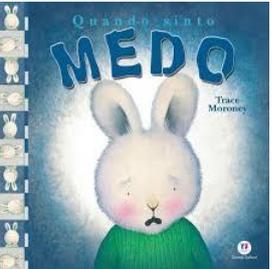
CUNHA, Djanira do Espírito Santo Lopes. DEUS, Adélia Meireles de. MACIEL, Emanoela Moreira. **Estudo de Caso na Pesquisa Qualitativa em Educação: uma metodologia.**

<[www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI...1/GT\\_01\\_14.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI...1/GT_01_14.pdf)>

MEKSENAS, Paulo. Métodos em pesquisa empírica. In: MEKSENAS, Paulo. Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas. São Paulo, Loyola, 2002, p. 109-138.

## ANEXOS

## Anexo1-Contações Pilotos Trace Moroney

			
<p>Ficha técnica</p> <p>Dimensões: 21cm x 21cm</p> <p>Edição: 1</p> <p>Coleção: Quando me sinto</p> <p>Autor: Trace Moroney</p> <p>Marca: Ciranda Cultural</p> <p>Idioma: Português</p> <p>Encadernação: Capa dura</p>	<p>Ficha técnica</p> <p>Dimensões: 21cm x 21cm</p> <p>Edição: 1</p> <p>Coleção: Quando me sinto</p> <p>Autor: Trace Moroney</p> <p>Marca: Ciranda Cultural</p> <p>Idioma: Português</p> <p>Encadernação: Capa dura</p>	<p>Ficha técnica</p> <p>Dimensões: 21cm x 21cm</p> <p>Edição: 1</p> <p>Coleção: Quando me sinto</p> <p>Autor: Trace Moroney</p> <p>Marca: Ciranda Cultural</p> <p>Idioma: Português</p> <p>Encadernação: Capa dura</p>	<p>Ficha técnica</p> <p>Dimensões: 21cm x 21cm</p> <p>Edição: 1</p> <p>Coleção: Quando me sinto</p> <p>Autor: Trace Moroney</p> <p>Marca: Ciranda Cultural</p> <p>Idioma: Português</p> <p>Encadernação: Capa dura</p>

Fonte: Ciranda Cultural

## Anexo 2 Fábulas das Contações Piloto

<p align="center"><b>A cigarra e as formigas - Fábula de Monteiro Lobato</b></p>	<p align="center"><b>A onça doente – Fábula de Monteiro Lobato</b></p>
<p>Havia uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.</p> <p>Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.</p> <p>A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.</p> <p>Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu --- tique, tique, tique... aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.</p> <p>- Que quer? Perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.</p> <p>- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...</p> <p>A formiga olhou-a de alto a baixo.</p> <p>- E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?</p> <p>A pobre cigarra toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse:</p> <p>- Eu cantava, bem sabe...</p> <p>- Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?</p>	<p>A onça caiu da árvore e por muitos dias esteve de cama seriamente enferma. E como não pudesse caçar, padecia fome das negras.</p> <p>Em tais apuros imaginou um plano.</p> <p>– Comadre irara – disse ela – corra o mundo e diga à bicharia que estou à morte e exijo que venham visitar-me.</p> <p>A irara partiu, deu o recado e os animais, um a um, principiaram a visitar a onça.</p> <p>Vem o veado, vem a capivara, vem a cutia, vem o porco do mato.</p> <p>Veio também o jabuti.</p> <p>Mas o finório jabuti, antes de penetrar na toca, teve a lembrança de olhar o chão. Viu na poeira só rastos entrantes, não viu nenhum rastro sainte. E desconfiou:</p> <p>– Hum!... Parece que nesta casa quem entra não sai. O melhor, em vez de visitar a nossa querida onça doente, é ir rezar por ela...</p> <p>E foi o único que se salvou.</p>

Isso mesmo, era eu...

- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

A formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não sabe compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo. A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou --- emprestado, notem! --- uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária, sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio da cigarra por vê-la querida de todos os seres.

- Que fazia você durante o bom tempo?

- Eu... eu cantava! ...

- Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.

### Anexo 3- Fotos dos materiais de mediação de leitura.



Fazenda do Mário



Avental de Contação de história



Condomínio Árvore Grande



Outros Materiais utilizados